

Associação, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA-PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. Não se devolvem os originais. Os artigos publicados são responsabilidade dos seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 60\$00; Província, 3 meses 20\$50, 6 meses 38\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

SÁBADO, 1 DE AGOSTO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2045

Um governo

A hora a que traçamos estas linhas, é natural que já esteja composto o elenco ministerial e o calendário político português possa acrescentar mais um aos tantos governos que, por desgraça nossa, têm passado pelo Terreiro do Paço. Os órgãos das várias "nuances" políticas, até mesmo os chamados independentes, inquietos e inquietamente: têm pedido um governo como um pára-chove ou alambique. Pois que é lá possível, um país como Portugal, país conceitadamente civilizado, estar sem governo?

Esta pergunta é natural que, inconscientemente, a façam alguns daqueles que dos governos não têm a esperar qualquer espécie de defesa, só porque são considerados indivíduos "que não têm que perder". A esses, para esses só, nós que não apoiamos políticos nem temos no nosso programa a tomada do Terreiro do Paço, temos que dizer:

Com ou sem governo, o povo que vive da parca remuneração do seu esforço, aquele que produz para que os outros tenham que perder, não deixou de ter em constante perigo tudo aquilo que é racional direito de qualquer ser humano. A casa que fez de pertença de outrem e não tem o direito de a habitar. O alimento que produz e lhe sonegado ou elevado a preço inacessível. Todas as riquezas que cria são dos outros que afrontosamente as ostentam ante a sua miséria. Não tem pão, nem lar, nem instrução, porque, a pesar de tantos governos que tem mantido e de leis que lhe têm apresentado, não conseguiu ainda a salvaguarda desses rudimentares direitos. Se um dia, fora da lei, reivindicar esses direitos, ou se mesmo se dispõe a exigir o cumprimento das poucas regalias que a lei sofisticada lhe confere, aí dele! — lá estão as carabinas policiais, o negrume dum calabouço e, talvez, a Guiné.

Vamos, pois, ter mais um governo. Não curando de saber a sua feição política, convencidos de que a sua acção governamental será pautada pelo querer supremo da casta donde sai, nós não temos que lhe pedir. Apenas lhe lembramos — e isto porque se trata dum acto governamental arbitrário, dum verdadeiro abuso de autoridade para que não há tribunais a não ser o da História.

Nas prisões policiais, alguns homens contra os quais não há prova de culpa, definham-se e tuberculizam-se, há mais de 60 dias!

Aos presos têm sido aplicados castigos corporais, não se lhes prestando os socorros médicos que o estado em que ficam exige!

Na rua e pelas carabinas da polícia foram traçoira e barbaramente fustigados dois presos!

Para corolário, em inóspitas terras de África, algumas dezenas de homens, sem julgamento prévio, estão deportados; e suas famílias, algumas que tinham neles único amparo, sofrem miséria!

Apenas lembramos. Sim, o proletariado que não pensa nem quer alcançar-se nas cadeiras do poder, impondo o seu governo, nada tem que pedir aos governos. A sua defesa, a conquista do seu direito à vida pertencem-lhe. Para isso tem de organizar-se.

As tempestades do Reichstag

BERLIM, 31.—Decorreu agitada a sessão de hoje no Reichstag. Os comunistas e os centristas vieram-se às mãos, travando-se entre eles uma feroz e encarnizada batalha que a sessão teve de ser suspensa.

UMA TENTATIVA ARROJADA

PARIS, 31.—O avião Tarascon iniciou hoje os seus ensaios de verificação do motor do aparelho que vai intentar o voo França-New York, sem escala.

O Congresso da Associação dos Professores de Portugal

Este organismo vai realizar o seu segundo congresso nos dias 7 e 8 de Agosto próximo em Lisboa, na sede da Universidade Livre. No programa dos seus trabalhos destaca-se a tese: "Escola primária única (educação mínima de todo o ser humano) e formação do seu professorado". Neste congresso de carácter pedagógico e corporativo só podem tomar parte os aderentes do sindicato profissional que o promove, sendo a entrada absolutamente livre para assistentes.

A morte de Filipe Daudet

PARIS, 31.—O juiz encarregado do inquérito acerca da morte de Filipe Daudet, o filho de Leon Daudet, chegou à conclusão de que ele se tinha suicidado.

O inquérito foi dado por terminado.

É AMANHÃ que o proletariado de todo o mundo vai manifestar-se contra a guerra

É amanhã, 2 de Agosto, que o proletariado internacional vai, num grandioso esforço conjunto, erguer o protesto contra a guerra — esse insaciável monstro destruidor de vidas, demolidor de povos.

Em toda a parte do mundo civilizado o povo trabalhador — principal vítima de todas as guerras — ergue a sua voz a favor da paz.

É necessário que se forme uma consciência universal no seio do proletariado contra a guerra, contra todas as guerras.

O operariado português vai amanhã em várias sessões e comícios colaborar nesse movimento generoso a favor da paz. Basta a recordação dos sofrimentos que pesaram esmagadoramente sobre o povo português durante a grande guerra para fazer sentir ao operariado o alto dever de compariência em todos os lugares onde se realizem sessões manifestando, assim, com a sua presença a sua vontade inabalável de fazer cessar as actuais chacinças e de não colaborar em qualquer grande conflagração que os sórdidos interesses capitalistas estão preparando.

Em vários pontos do globo o imperialismo europeu e americano vem procedendo a verdadeiras sanguiarias que apenas obedecem ao intuito desumano e feroz de reduzir à escravidão povos que têm direito a viver livres.

Nessas reuniões de protesto que o operariado vai realizar amanhã não devem ser esquecidos esses povos mártires. Bem perto de Portugal, estão duas nações pseudo civilizadas cometendo o crime tremendo de massacrar o brioso povo do Rif, que, num belo assomo de rebeldia, pretende varrer do seu território o bando imperialista que deseja explorá-lo.

Esse povo é digno de toda a solidariedade moral do proletariado de todo o mundo. Também, lá longe, no Oriente, o povo chinês acordou para a liberdade e, tomando consciência da sua vexatória condição de escravo do imperialismo europeu e americano, em revoltas sucessivas, sacode o jugo.

Urge que o proletariado universal e principalmente o das nações invasoras, não continue a servir o imperialismo fornecendo os seus filhos para carne de canhão, para instrumentos de tortura de outros povos irmãos.

O soldado francês, que é forçado a marchar contra os marroquinos, só tem um único e verdadeiro inimigo: o capitalismo que o escraviza e que dele se serve para escravizar outros povos.

É necessário negar ao capitalismo-imperialista a carne de canhão, urge privá-lo dos meios de reduzir à escravidão populações que têm direito à liberdade.

Para o povo operário há apenas uma guerra: a social, a de classes; a guerra dos oprimidos contra todos os opressores.

É este pensamento, este sublime ideal de emancipação humana que o proletariado português, em harmonia com as resoluções da Associação Internacional dos Trabalhadores, amanhã vai afirmar altivamente, juntando a sua voz ao coro universal de protestos contra a guerra.

Secretariado de Propaganda

O Secretariado de Propaganda tomou ontem as últimas deliberações sobre as sessões a efectuar amanhã contra a guerra.

Por conveniências de propaganda fez várias alterações de delegados na lista publicada ontem e tomou conhecimento de que se efectuariam outras sessões no norte, onde se C. G. T. se fará representar por delegados da Delegação Confederal do Norte.

A Guarda, Castelo Branco, Évora e ao Barreiro irão igualmente delegados directos.

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa distribuiu hoje ao público um manifesto sobre a manifestação internacional contra a guerra. São dele os períodos que seguem:

"Faz no dia 2 de Agosto 11 anos que o Capitalismo Internacional conduziu aos Campos de Batalha milhões de homens, de todas as idades, de todas as profissões e de todas as raças!

Foi uma hecatombe gigantesca que esgotou as energias de todos os povos.

O povo de Lisboa que assistiu à partida de tantos soldados — que eram camponeses, operários, trabalhadores produtivos — tem ainda na memória a hora degradante dessas levadas de homens para a morte ignominiosa! A pesar da grande guerra ter terminado, o mundo encontra-se envolvido numa teia de pequenas guerras que o esgotam cada vez mais.

O que foi a guerra de 1914 nas suas tristes consequências, o que será a guerra para que caminhamos se não se fizer antes a Revolução Social, vão dizer ao povo no dia 2 de Agosto próximo, oradores para isso escolhidos pela Câmara Sindical do Trabalho e outros organismos liberais e revolucionários."

Damos hoje uma nota das sessões:

Associação dos Corticeiros de Belém, Rua de Paulo da Gama, realiza-se pelas 11 horas de amanhã, falando Emídio Santana, representante da C. S. T.; Alberto Dias, pela Federação da Construção Civil; Jorge Galvão, pelas Juventudes Sindicatas.

Câmara Sindical do Trabalho, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Silva Campos, pela C. G. T.; Alexandre Assis, pela Federação da Construção Civil; Rosendo José Viana, pela Câmara Sindical; António de Sousa, Federação das Juventudes Sindicatas.

Na Secção da Construção Civil de Palma, Rua de Beneficência — Francisco Quintal, pela Câmara Sindical; João Miranda, Federação da Construção Civil; Jorge Galvão, Núcleo das Juventudes Sindicatas de Lisboa.

Associação dos Corticeiros do Poço do Bispo, R. de Marvila, 59 — pelo Núcleo das Juventudes Sindicatas Emídio Santana; pela Câmara Sindical do Trabalho, Feliciano Fidalgo.

Foram convidados a enviar delegados a Liga dos Direitos do Homem, a Universidade Popular, a Associação de Professores de Portugal e União do Professorado Primário.

Roga-se ao delegado de Palma o favor de passar hoje, às 21 horas, pela sede a fim de se demarcar a hora certa da realização da sessão na sua respectiva área.

Federação do Livro e do Jornal

A Federação do Livro e do Jornal, correspondendo à resolução tomada pela Associação Internacional dos Trabalhadores, exorta todos os componentes da indústria a seguirem os indicações da C. G. T. Portuguesa destinando o dia 2 de Agosto para veementemente exteriorizarem o seu protesto contra as intenções do capitalismo internacional, que pretende promover uma nova chacinça como a que afligiu a humanidade durante os anos de 1914 a 1918.

MORAL CRISTÁ O padre de Armil aproveita-se da confissão para ser delator de operárias!

Decididamente as Novidades nunca conseguem uma oportunidade feliz para publicarem a sua já famosa tese: sem religião não há moral. Embora aquele jornal estude cuidadosamente a ocasião em que perpetra a caluniosa afirmação de que só é digno quem é católico, abstendo-se de tal insultuoso dislate sempre que a injúndia moral de algum ministro de Deus vem a lume nos jornais, o resultado nunca vem a ser positivo.

E são os padres, os próprios padres quem se encarregam de demonstrar, com procedimentos indecorosos, a torva falsidade da tese que as Novidades, espantando o momento mais oportuno, têm o atrevimento de publicar.

Tratamos de opôr o desmentido às Novidades relatando sobremente o crime do padre Mesquita. Hoje, temos de ilustrar novamente a tese daquele jornal, com o desmentido que lhe opõe um outro padre, irmão em Deus e em indignidade moral, do padre Mesquita.

O norte do país, e notadamente o Minho, ainda sofre a influência dos padres, influência que alguns pontos é dominadora e chega a ser assistente. Esperto, indigno, apatado, o padre do Minho não tem o menor escrúpulo moral: aproveita com a ignorância das populações e fanatiza-as; depois especula com a sua credulidade e abusa do seu domínio.

O padre da freguesia de Armil, é o tipo vivo e demonstrativo do padre do Minho. Há dias umas mulheres que trabalham na fábrica de fiação de Fafe que fica a pouca distância de Armil foram ao padre fazer a sua confissão. Ameaçadas, aterrorizadas, confessaram todos os "pecados" que lhes negrejavam a consciência. Um dos "pecados" confessados resume-se nisto: terem tirado da fábrica onde trabalhavam meio metro de pano cru para fazerem um saco a fim de conduzirem a "horta" em que se consumstancia o seu almoço.

O padre respondeu às tais operárias que esse "nefandito pecado" só podia ser perdoado desde que lhe restituíssem uma porção de pano cru igual à que tiraram ou uma quantia em dinheiro que equivallesse ao valor do trapo.

As operárias cheias de receio, submissamente, entregaram ao padre a importância correspondente ao meio metro de pano cru que tinham tirado da fábrica, acreditando que, desta maneira, Deus, por intermédio do padre, lhe perdoaria o seu "monstruoso pecado".

Sucedeu exactamente o contrário, pois que o padre entendeu que o "pecado" não era digno de perdão, e a pesar de saber que a confissão é um segredo que se não deve revelar, resolveu desempenhar o papel repugnante de delator.

Um dia depois, o director da fábrica recebia uma carta do padre relatando-lhe o que as operárias lhe haviam confiado e dando-lhe, com a importância do meio metro de pano, o conselho de que tomasse o maior cuidado com o pessoal feminino, porque este todos os dias roubava a fábrica. O director tomou em consideração a denúncia do padre, ordenando que todos os dias os operários fossem revistados à hora da saída da fábrica. E de então para cá, todos os dias se dá o mesmo vergonhoso e ultrajante espectáculo: as operárias são obrigadas a despirem-se até ficarem em camisa a fim de todos os mestres que existem na fábrica adquirirem a experimental certeza que elas não levam para suas casas a mínima porção de pano, ainda que seja o trapo mais insignificante.

E todos os dias este atentado à dignidade humana se comete, sem o mais leve assomo de protesto!

As mulheres submetem-se ao ultraje de se despirem diante de homens, convencidas na sua credulidade e fanatismo que devem aceitar, sem revolta, aquela infâmia, como um castigo de Deus. Resta-nos também perguntar de que alma são feitos os pais e os companheiros daquelas operárias, deixando-as sofrer o ultraje.

O padre e o director da fábrica são dignos um do outro, são dois maravilhosos exemplos de que só na educação religiosa existe moral...

Está estabelecido pelas autoridades eclesiásticas que a confissão é um segredo que o padre em caso nenhum deve revelar. E o padre, revelou-a. — Para cometer algum gesto aleve e nobre? Não. Para fazer de polícia da fábrica, exercendo junto do director o repugnantíssimo papel de delator.

Quando à natureza do delito nem vale a pena falar... Então meio metro de pano cru pode ser considerado um roubo? Gostaríamos de saber como deve ser considerada a desumana exploração que a fábrica de fiação de Fafe exerce. A esse respeito os seus salarios seriam uma revelação...

E que diz a isto as Novidades? Naturalmente como aplaudiu o crime do padre Mesquita, aplaude a delação do padre de Armil. E a tese, a famosa tese?

comício e uma conferência elucidativos das graves consequências da conflagração europeia de 1914, e de protesto contra a nova carnificina que o capitalismo internacional tenciona desencadear para satisfação dos seus desmedidos apetites de ambição deslavada.

Para que o comício e a conferência resultem uma imponente e significativa manifestação antimilitarista e antiguerreira, a U. S. O. P. deliberou, além de um manifesto sobre as origens e os prejuízos de todas as guerras de conquista, afixar por toda a cidade centenas de placards convidando o povo trabalhador a comparecer, em massa, nas citadas reuniões de protesto contra a chacinça dos povos.

Convidou também todos os sindicatos a editarem pequenos manifestos convidando as respectivas classes a assistirem ao comício e a conferência.

A União vai enviar todos os seus esforços para que o conferente seja o nosso camarada dr. Campos Lima.

Diversos sindicatos já têm feito os seus convites às suas profissões, tudo dando a entender que a manifestação será grandiosa.

A questão das conservas em Setúbal

Não há crise, os industriais é que a inventam — Os números falam melhor do que as pessoas

(Do nosso enviado especial)

SETUBAL, 30.—Já ficou demonstrado, embora dum modo sintético, a actual situação da indústria de conservas nesta cidade. Ocupemo-nos agora do custo lógico da produção de uma caixa de conservas, tomando por base a caixa formato 114 clube e das vantagens para o fabricante com a venda do mesmo produto.

Os cálculos que se seguem, assim como os pormenores que vão ler-se, foram fornecidos à Batalha pelo operário soldador David Correia, secretário geral da Federação dos Operários da Indústria de Conservas. A entrevista realizou-se no gabinete daquele organismo federativo, quando Setúbal se agitava febrilmente arrancando das fábricas o luxo que se verifica ao longo da avenida Todi.

Fomos encontrar o nosso entrevistado coligindo elementos sobre o custo do custo da produção, estudo determinado por um artigo que o órgão da moagem dava há estampa há dias.

Quando David Correia nos avisou teve um sobressalto de contentamento. O que motivava o estudo do secretário geral da Federação de Conservas fora o mesmo que levava o "reporter" a cidade do Sado. E logo que lhe dissemos o motivo da nossa visita obtivemos de pronto a resposta que segue:

— Interessante coincidência. O assunto de que o órgão da moagem se faz eco é o mesmo que motivou os meus estudos.

— É verdadeira a exposição do referido jornal?

— Não. Muito pelo contrário. Primeiro, a crise é artificial e não real, como lhe vou explicar:

"Dos 25000 trabalhadores das fábricas de conservas divididos pelos onze centros industriais só um reduzido número se encontra desempregado e mesmo destes não é a crise a causa. Sempre houve desempregados, até nos períodos de abundância de trabalho.

— Mas não há um motivo especial que dá motivo aos clamores dos industriais?

— Há sim. A indústria hoje não é tão lucrativa como no tempo da guerra, manda a verdade que se diga. Mas esse motivo não é de tal forma poderoso que justifique a tese dos industriais de que os preços estabelecidos devem estar conforme o valor do ouro. Essa tese só poderia ser aceite se os salários, os materiais e tudo quanto concerne à indústria fosse pago correspondentemente àquele valor.

— Entende então que pode viver a indústria com o actual preço da venda?

— Posso garantir-lhe que sim. Mas para que se não diga que a afirmação é gratuita tem aqui estes cálculos que podem servir a Batalha.

E o nosso interlocutor mostrou-nos um livro onde se encontram os cálculos da produção de uma caixa de conservas de formato 114 clube. Com o devido cuidado copiamos dele o seguinte:

Folha de Flandres, 19400; solda, 9550; gás, 1520; lenha, 500; azeite, 20500; caixote, 2350; soldador, 8540; mão de obra, 8550; renda de casa, 1500; contribuições, 2550; peixe, 40500; chaves, 1500; soma 114520.

David Correia prossegue assim: Não cálculo sobre renda de casa incluímos um escudo por cada caixa que, como sabe tem em latas. Uma fábrica pode produzir uma média de 8.000 caixas por ano o que representa 8.000\$00. Afigura-se-me que poucas fábricas pagariam essa importância por ano.

— Também no cálculo sobre o peixe incluído 40500, quando essa verba sobre bastantes oscilações. Há dias que uma canas-

tra de peixe que excede a uma caixa, custa 8500 e 10500. Nos outros cálculos há exagêro de minha parte, mas isso ainda convém à nossa tese.

— E por quanto se vende a caixa a que acaba de referir-se?

— Por 130\$00. Havendo uma produção como já disse de 8.000 caixas anuais há um lucro de 126.000\$00. Isto na pior das hipóteses. Com o peixe comprado por menor preço não é ousadia afirmar-se que os lucros podem atingir a cifra de 200 contos anuais o que é um negócio belo.

— Quais foram os materiais que sofreram diminuição de preço?

— A folha, o estanho e ainda o peixe. Mas é bom que o informe. A baixa no preço desses materiais é superior à baixa no preço da venda da caixa. Ainda aqui o industrial ficou a ganhar.

— Mas ele canta a aria da perda...

— É verdade, como pode defender piores absurdos se se der ao ingrato papel de seguir-se as pedradas do infeliz articulista-calculista que do órgão da moagem diz que cada caixa dá um prejuízo de 76500...

— Quer saber um dos pretextos de que lançam não alguns fabricantes? — diz-nos o nosso entrevistado.

— Depois dum influxo de voz, acrescenta: — A conserva acompanha as oscilações do câmbio, como é conhecido. Sucede que uma fábrica com 25 homens — soldados — tem sempre um vazão de 2.000 a 3.000 caixas aguardando a chegada do peixe. Pois os fabricantes, se o produto é vendido por preço superior àquele que se compulsa para os materiais, apresentam logo um imaginário prejuízo que, pelos cálculos que eu acabo de lhe mostrar, é imediatamente desfeito.

— E os salários foram diminuídos?

— Não, meu caro. Nada mesmo havia que justificasse semelhante medida. Os salários nunca acompanharam, nem o custo da vida, nem mesmo o valor do produto. Se a reclamação que fizemos há anos fosse atendida, reclamação que consistia no pagamento do salário correspondente ao valor ouro, certamente que os nossos salários agora acompanhariam a baixa do câmbio. Assim, não. Diminuíram-se os salários era condenarem-nos à morte.

Ainda um esclarecimento:

— Os mercados importadores como Bordeaux, Hamburgo e Génova continuam fazendo as suas transacções. Se a situação não é melhor, a culpa deve-se à falsificação da conserva que durante a guerra se fez dum maneira escandalosa. Desacreditou a indústria e desvalorizou o produto.

— Também, prossegue David Correia, em matéria de mercados temos ainda a falta do mercado russo, que era um excelente elemento de receita. Podia considerar-se como um dos melhores. O rompimento das relações comerciais com o país dos soviets deu causa à suspensão da exportação da conserva. E, caso curioso: os industriais, a quem tanto horroriza o regime bolchevista, são os primeiros a clamar contra o rompimento das relações com a Rússia. Ele colide com os seus interesses...

— Para fechar a entrevista:

— O intuito dos fabricantes já são bem conhecidos. Tudo quanto seja a quem de 1.000 contos de lucros são insignificâncias para as suas orgias. Criaram uns hábitos que durante alguns anos poderam manter, embora escandalosamente. Como quem prescindir deles lamuriar a falência que, mesmo que existisse, só era filha da desregada administração das fábricas e da vida faustosa que levam.

— Não temos nada com os seus devaneios. Mas, por tudo, não os pretendam justificar num motivo aparente...

Notas & Comentários

Não foi nada...

Correram durante a madrugada de ontem, conforme noticiámos, insistentes boatos de revolução. Diziam uns que se tratava de mais uma investida militar, outros que eram os canhotos e outros, ainda, que eram os nacionalistas. Afinal a noite decorreu tranquila, o sol nasceu como habitualmente, sem outra nota anormal que não fosse muita polícia de carabina pelas esquinas espantando um ou outro transeunte que recolhia a casa fora de horas.

O Limoeiro

O Diário de Notícias referiu-se ontem largamente ao Limoeiro e foi verdadeiro no que dele referiu e bastante justo nos seus comentários. Raras, raríssimas vezes, um jornal como aquele deixa de ter os olhos cerrados sobre uma iniquidade e a escarpeliza. Por isso nos apaz registar que o Diário de Notícias viu o Limoeiro de olhos abertos. Viu — e horripilou-se.

O Limoeiro é sórdido, é anti-higiénico, é imundo. O preso está lá como se estivesse condenado à morte. Tudo naquele casarão sinistro e meio destruído é mau, indesejavelmente mau.

Um detalhe mais impressionante e mais horrórico é o "segredo" que o Diário de Notícias pede que seja destruído em nome da justiça e da piedade humanas. O "segredo" é um crime que nenhum delito pode justificar. Mas vá o Diário de Notícias a Monsanto e visite o forte. Encontrará lá ainda maiores motivos de asombro e de indignação, encontrará horrores inenarráveis...

Transcrição

O Mundo de ontem transcreveu o que aqui publicámos acerca da tentativa do empréstimo de 500 contos feita pelo O Século junto do Banco de Portugal, tendo a lealdade de indicar a sua procedência.

Uma zona petrolífera devastada

BUCAREST, 31.—Um colossal incêndio devastou a zona petrolífera de Moneni, sendo incalculáveis os prejuízos causados.

A questão dos foros

Nota oficial da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais de Portugal sobre a Conferência convocada pelo Sindicato dos Rurais de Coruche

Foi-nos enviada a nota oficial que a seguir reproduzimos:

"Tendo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coruche dirigido aos sindicatos rurais uma circular convocatória dum Conferência a realizar no dia 9 deste mês, em Lisboa, para estudar o decreto 1.645 sobre foros, a Federação dos Trabalhadores Rurais, tendo em atenção que o gesto do Sindicato de Coruche não passa dum torpe maneio dos elementos moscovitistas às ordens do Partido Comunista, indica aos sindicatos rurais do país que devem votar ao máximo desprezo o convite que lhes foi endereçado e confiarem na acção desta Federação e da C. G. T., os únicos organismos que pela sua idoneidade podem conseguir a solução dum assunto desta magnitude.

Independente da acção que os dois organismos centrais venham a desenvolver no que concerne ao problema dos foros, a comissão signatária julga ainda que só o Congresso Corporativo, e não uma conferência com objectivos políticos, pode, com a representação de toda a classe rural, interpretar o sentir dos trabalhadores do país, e a face deles decidir.

E por ser assim confia que os sindicatos rurais do país saberão responder convenientemente aos desejos dos agentes de Moscovia.

A Comissão Administrativa da Federação dos Trabalhadores Rurais

N. R.—Sobre este importante assunto a Batalha publicará amanhã um elucidativo artigo, especialmente de interesse para a classe rural.

A "revanche" sobre os humildes

BERLIM, 31.—Os milhares de alemães expulsos da Polónia têm sido concentrados em Pila, donde serão transportados para a fronteira da Alemanha durante os dias de hoje e amanhã.

Pretende-se aumentar o preço das carnes!

Uma atitude nobilíssima dos operários dos Matadouros Municipais

A comissão profissional dos Operários dos Matadouros Municipais de Lisboa, em defesa do público contra uma campanha feita contra a importação de carnes destinada a colocá-lo sem defesa perante a insólita ganância dos negociantes portugueses editou uma «Carta aberta» destruindo a ignóbil exploração que se tem vindo fazendo. Dessa carta aberta bastante elucidativa transcrevemos este trecho em que se defende a importação de carnes:

«Afirmam que a carne argentina poucas horas depois de dar entrada nos talhos está imprópria; não dizem o contrário porque a carne, quanto mais gorda mais depressa se deteriora, até concordando que nesta quadra do ano deve ser sustida a matança do gado argentino.

Mas isso agora pode fazer-se, e é o que está acontecendo, porque a sua importação deu azo, a que os senhores negociantes e lavradores acudissem ao mercado com alguns milhares de cabeças de gado.

Não só a importação concorreu para que se desse esta abundância, foi também o bom não esquecer as medidas adoptadas pelo... Dito... em receber a Comissão de Abastecimentos directamente dos lavradores acabando ipso facto, com os intermediários, facto este que nunca se registou nas anteriores comissões de Abastecimentos, porque era composta na sua grande parte, por verdadeiros interessados nas escassas das carnes visto que dela faziam parte, proprietários de talhos e negociantes, como Vicente Roque, Esteves Coluna, Filipe Ribeiro e Miguel Luis Vieira, este representante dos comerciantes em carnes verdes.

Por ser bastante claras e expressivas transcrevemos sem comentários as seguintes passagens:

«Explorando, negociando especialmente com a escassa das carnes.

Constitui um paradoxo? mas assim é, com a falta e não com a fartura, que as grandes fortunas se aleançam.

Um exemplo: uma vez num talho em ocasião de falta, rendia o melhor de 50% a 100% mais do que o seu justo valor, não contando ainda com o rendimento que os outros lhes deixavam.

Por isso a guerra é encarnizada, a importação voa, precisamente, fazer encolher as garras dos abutres.

Somos pela importação, ela veio sensivelmente fazer baixar, vitela, peixe, etc., não só em Lisboa, como na provincia onde mais se fez sentir.

Tem o jornal A Epoca levantado uma campanha, começando por afirmar que do Matadouro não só sai carne podre para os talhos, como têm sido abatidas rezes impróprias para o consumo.

Afirmamos sem receio de desmentido:

1.º—Que do Matadouro nunca saiu carne podre a não ser para o gualho.

2.º—Rezes impróprias para consumo, acontecendo serem abatidas mas não aprovadas.

3.º—Existe neste Matadouro uma comissão profissional, que não poderia nunca consentir que semelhantes atropelos se praticassem.

Uma prevenção justa: «E' preciso que o público fique sabendo que os indivíduos, com raras excepções, que nas colunas do jornal A Epoca vêm afirmando serem pelos consumidores, não têm autoridade moral para o fazer.

Porque nas ocasiões das faltas de gado, quer dizer, antes da importação se dar, e que no mercado lhes eram regatadas algumas rezes pelo seu estado de magreza, esses beneméritos diziam coisas do sr. Paula Nogueira, porque uma única vez que nessa altura lhes fosse distribuída constituía uma fortuna.

O público está ameaçado duma noxa extorsão. Os operários dos matadouros municipais prestaram um relevante serviço aos consumidores demonstrando que a campanha contra a importação é uma vilíssima manobra que visa ao encarecimento das carnes.

A guerra da China

Conflitos graves entre a policia e grevistas

CANTÃO, 31.—Deram-se novos e graves conflitos entre a policia e os grevistas de que resultaram 20 mortos e 20 feridos.

O Tibet convulsionado

LONDRES, 31.—Segundo o Daily Telegraph rebentou a guerra civil entre os partidos civis e militares.

«Duas divisões sob o comando do general Khali marcharam para o Tibet para manter a ordem».

A 30\$000 Anéis com diamantes, rubis e safiras... A 40\$000 cruces, com diamantes, rubis ou safiras... OIRO E PRATA OURIÇAS: 1.º JOALHARIA

Manuel Rodrigues Junior

R. dos Vaqueiros, 966—Esg. R. Silva Albuquerque

EXCURSÃO EM «CAMIONETTE»

O Grupo Excursionista «Os Calmeirões» realiza amanhã a sua excursão em «camionette». O percurso é Loures, Mafra, Malveira, Sintra, Cascais e Lisboa. A partida é ás 5 horas da praça do Brasil.

CARTA DE COIMBRA A propósito de cinco crimes de estupro

surtem alguns comentários oportunos que julgamos conveniente registar

COIMBRA, 30.—São já do domínio público cinco crimes de violência sobre menores—todos eles perpetrados com malícia e numa áncia brutal de atirar para o lodacal imundo da prostituição umas, e para o hospital, contagiadas de mal venéreo e perdidas, outras.

Quando estes crimes foram tornados publico, correndo veloz toda a cidade, transportados de boca em boca em frêmitos de revolta e indignação, muita gente começou de duvidar da autenticidade de tais infâmias, não acreditando que em Coimbra fosse possível crimes deste jaez, cheios de asquerosidade e tão repelentes.

O certo é, porém, que com as prisões dos indivíduos acusados do primeiro crime — o de Montes Claros, cujo primeiro epilogo teve desfecho no envio ao tribunal dos referidos indivíduos, saindo sob fiança — tudo começou a mudar de opinião, aparecendo a verdade em toda a sua nudez e acusando-se abertamente por toda a cidade a infâmia sem nome que ficará para todo o sempre a clamar justiça inexorável para bem da sociedade.

Porém não se deve olhar somente para este crime que foi início de uma série de cinco. Os outros, e principalmente aquele do torreado do campo de futebol do parque de Santa Cruz, merece também um registro especial e, oxalá, que todos o compreendam como devem — tanto para se saber quem foram os estudantes selvagens e que pretendiam desflorar uma inocente criança de 7 anos, deixando-a num lastimável estado infeccioso de doenças que são a morte de muita gente—como para se fazer justiça. Sim! para estes, e muito principalmente para estes, neste momento, deve convergir toda a atenção da gente que tendo coração se horroriza com o atentado por levado à prática sobre uma criança de 7 anos!

Está já preso o guarda do referido campo de futebol, não se tendo conseguido ainda nada de positivo sobre este crime aviltante. Mas, isso é insuficiente. E' preciso os nefandos autores — pelo menos os seus nomes, — sejam eles quem forem, filhos de ministros ou deputados, serem conhecidos. E, depois, quem competir faça o que entender — mas fazendo justiça!

Não se julgue pelo facto destes crimes serem estudantes, para eles não façamos incidir a atenção de toda a gente. Para nós todos os homens são iguais e, neste caso, produto da mesma sociedade imperfeita, que urge remodelar para bem de todos.

E, nesta mesma ordem de ideias, olhando os efeitos e também as causas, não será mau que uma campanha intensa e inteligente seja feita para dar combate a tantas dessas proxeitadas que por toda a parte abundam e que arrastam à perdição muita criança inocente.

Aqui por exemplo em Coimbra, conhecemos nós algumas: a sua vida é de luxo e de gozo, fazendo-se acompanhar sempre por mulheres novas que iniciam na prostituição.

Com o caso de Montes Claros, aquela Patrocinia, a criada companheira da pobre Judite, não fez mais do que levá-la à perdição. Sim, porque essa sabia para onde ia e tudo podia evitar. O depoimento de Judite foi claro. Mas há mais, e podemos apontar os seus nomes — as autoridades ou que nestas coisas superintende, porém, que resolvam o que entenderem. Nós no nosso lugar apenas temos de dar notícias e comentários.

Na prostituição mesmo, já tem aparecido crianças de menos de 15 anos. E, até a servir de criadas dessas outras, cuja vida está ali patente por falta de educação e assistência social, não é raro ver petisnhas de 4 e 5 anos a fazer recados, frequentando e assistindo a cenas impróprias para que naquela idade sejam conhecidas!

Sim! tudo isto temo visto e é agora ocasião, já que se proporcionou, torná-lo conhecido. Para estes grandes males são precisos grandes remédios? — Pois bem, venham esses remédios, e das nossas barradas o remédio já foi apontado. Transforme-se a sociedade presente, incapaz e relapsa, e tudo caminhará melhor.

A república, que foi apontada ao povo sob promessa de que ela saberia trabalhar em prol das crianças desprotegidas e da educação racional, não tem feito mais do que trair a sua missão. Entretanto, outros países, monárquicos como a Bélgica, sabem cuidar deste momentoso problema, e mostram como fazem para evitar a decadência e desmoralização do povo.

Há que olhar para este assunto mas aliado de frente — atacar as causas evitando assim os efeitos. Os terríveis efeitos que estamos constando: a anormalidade e irresponsabilidade dos indivíduos para com a sociedade, para com os seus semelhantes.

A iniquidade, única lei

Presos incommunicáveis há dois meses — Feridos e doentes em calabouços infectos

Não cessa a policia de fazer pesar sobre os indivíduos que conserva detidos com pretextos vários e mais ou menos inverosímeis, toda a sua falta de humanidade, toda a sua estupidéz.

Levantam-se a quasi todos os presos a incommunicabilidade, que se manteve ilegalmente, bárbaramente, durante umas poucas de semanas, quando tal regime não pode exceder quarenta e oito horas.

Em pouco porém foi melhorada a situação dos presos, pois continuavam os doentes a não ter o devido tratamento, não se restituem a liberdade indivíduos que prendiam há mais de um mês, não lhe tendo sido formada culpa, e alguns nem mesmo interrogados foram ainda.

José da Silva, aquele preso que está tuberculoso, e expectorando sangue continua no mortifero calabouço da esquadra do Caminho Novo.

Foi na passada terça-feira ao governo civil, de onde, depois de examinado pelo médico, o reenviaram para aquela esquadra, parecendo que não fazem tenção de retirá-lo de lá para que possa ter, num hospital, o tratamento conveniente.

Há cinco dias adoeceu na mesma esquadra o preso Hilário Gonçalves. Tão grave é o seu estado que, quando recebe visitas, têm dois dos seus companheiros de o conduzir até ás grades.

No entanto ainda lhe não foram prestados socorros de espécie alguma, nem o médico o visitou.

As perseguições

A inquisição do Caminho Novo

A esquadra do Caminho Novo continua transformada numa verdadeira inquisição. Ontem, sem que para isso houvesse motivo, foi passado ao calabouço da esquadra uma busca extrema e minuciosa.

Chegaram a apreender um número de A Batalha e várias cartas que os presos, no uso legítimo dum direito, tinham escrito. Foram também apreendidos uma máquina de fazer a barba e diamante de cortar vidro, cuja entrada fora previamente autorizada.

Não pode entrar nem sair correspondência da esquadra sem ir, previamente, à censura do cabo de serviço, isto a pesar-de terem levantado a incommunicabilidade aos presos.

Era consentido que as famílias dos presos lhes levassem de manhã e à noite, chá ou café. Agora até isso foi prohibido. Agora só lhes pode ser entregue qualquer coisa das 10 ás 11 e das 18 ás 19 horas.

Tudo o que acabamos de revelar demonstra bem o acinte e a deshumanidade como aqueles policiaes-carcereiros tratam os presos.

A policia continua assim demonstrando que é — a ferocidade fardada.



INTERESSES DE CLASSE

O operariado municipal ante a atitude criminosa da Câmara

As «demarches» efectuadas junto da vereação municipal, para que esta cumpra o aumento de salário aprovado em Março último, parece eternizar-se sem que o operariado municipal veja satisfeitas as suas justas reclamações, aliás já conquistadas. Parece inacreditável mas é certo. Tudo leva a crer que exista má vontade da parte de quem quer que seja, pois estando legalmente aprovado o aumento de salário, pelo respectivo Senado não é justo que se alegue a falta de verba — o que é uma grande mentira, porque verba existe.

Tanto que ela existe que se dá diariamente um acréscimo propostado de despesas com a admissão de pessoal novo, na sua maioria para fins de guardas (!) e técnicos, que não são precisos, porque existem os suficientes.

Se a Câmara não tem verba porque aumenta as despesas?

Para os jardins e obras, diariamente entra pessoal novo, certamente porque isso está dentro das possibilidades de coíre municipal.

Folgamos com a entrada desse pessoal, porque vai suavizar o seu sofrimento de desocupados, mas... donde vem a verba? Será daquele cofre que os vereadores Dr. Marques da Costa e Freire da Cruz, dizem estar esgotado pelo que todas as semanas têm de pedir dinheiro emprestado?

L por curiosidade gostamos de saber para onde vai o dinheiro que diariamente entra para os cofres da Câmara, no presente mês, pois é interessante o sr. Freire da Cruz dizer que tem de pedir semanalmente dinheiro emprestado para fazer as férias...

Possão afirmar que os dois vereadores citados dr. sr. Marques da Costa e Freire da Cruz, presentemente de quem depende o aumento de salário, são os únicos culpados do que se está passando. Têm trocado em demasiado com o operariado municipal e com as suas comissões.

O sr. Freire da Cruz, força viva e membro desse directorio infamante que ao proletariado roubou tantos filhos e alguns à família municipal, proprietário da casa Africana e com mais rendimentos que a permissão de uma vida fastuosa, esquece-se dos escravos, dos famintos que nas miseráveis cabanas lutam com a tuberculose mais os seus entes queridos.

E o dr. sr. Marques da Costa, médico e grande industrial, que com tão boas palavras, e por sinal habilidosamente empregadas, soube enganar toda a classe, supõe que o operariado municipal está disposto eternamente a suportar a sua feroz retórica que não dá pão a quem tem fome.

O operariado não vive de palavras, e bom será que sua excelência se capacite que de momento se pode esgotar a paciência e embora se não preocupe com os protestos dos famintos que explora, é conveniente impedir a sua cólera. Não é fugindo as comissões, e mandando as esperar para depois se escaparem por portas diferentes que resolvem o problema.

O dr. sr. Marques da Costa é responsável pelo aumento de salário porque se o operariado recebeu somente 60 por cento foi porque empregou a sua palavra de honra de satisfazer os restantes 40 por cento em Junho.

E portanto com este senhor que o operariado municipal se tem de entender.

E hoje o dia em que o operariado municipal vai manifestar a sua repulsa pela atitude criminosa da vereação, abandonando o trabalho durante um dia em sinal de protesto.

Oxalá desta vez se não ameace o pessoal com despedimentos, porque isso não mete medo a quem está acostumado a lutar contra o patronato explorador, e quem diz despedimentos, diz também com a presença de tardas.

A tirania, a opressão e a violência há de acabar sobre o operariado municipal, porque chegou o dia de provar colectivamente a força da classe.

Ao operariado municipal compete auxiliar os seus militantes para a conquista de melhores dias.

Aníbal Augusto BARREIROS

(operário municipal)

O indiferentismo das classes gráficas

Há muito que a classe gráfica se mantém indiferente perante os grandes problemas sociais. Apesar do grande número de assembleias gerais que se realizam, aparecem sempre as mesmas pessoas, a não ser em casos muito especiais que têm quasi sempre uma importância restrita.

Estamos a 2 meses do II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, e apesar dos trabalhos que a ele vão ser presentes merecerem grande discussão, constata-se que as assembleias gerais continuam a realizar-se de modo a dar entender que o interesse dos gráficos é diminuto.

Actualmente, o Sindicato dos Compositores Tipográficos tem que levar a cabo algumas reuniões onde terão que ser presentes assuntos que nas assembleias gerais foram apresentados por alguns sócios e a seguir deverão ser discutidos alguns dos trabalhos de que se vai ocupar o congresso.

Ora se a classe continuar apática como até aqui, o que sucederá? Acontecerá que aqueles que comparecem assiduamente nas reuniões e mostram vontade de trabalhar desanimam. E, depois, muito tempo decorrerá para que tudo saia do marasmo em que caiu, sendo ainda para considerar o grande esforço que terá que se dispendir a fim de a organização gráfica voltar a possuir a actividade de que carece.

Há quem alegue que as assembleias não são concorridas pelo facto de não termos casa própria. Essa alegação cai pela própria base, pois não é processo de se conseguir uma casa faltas as reuniões do sindicato.

Porque não se procurará com um pouco de boa vontade, conseguir uma casa própria para os gráficos?

Não temos nós quando queremos — resolvido com êxito, problemas mais difíceis e complicados?

Há quem entenda — e nós assim o julgamos — que se foi levada a efeito a criação do «Sindicato de Indústrias, com os seus conselhos técnicos e de fábricas e de oficinas, o problema da sede será mais facilmente resolvido. Não é que reconheça

As autoridades pactuam com os industriais para atirar as leis da república

Um delegado operário preso, sem motivo justificado, às ordens de industriais que dão almoços e gorjetas à guarda republicana

PORTO, 31.—Os delegados do governo no norte, passaram, mais directamente, a ser delegados dos industriais. As autoridades civis ou da guarda republicana, são as primeiras a limparem o sêso às leis da república.

Bem sabemos que não é um caso virgem. Mas antigamente, quando se notavam umas aparências de vergonha e de rectidão, as falcatruas, as venalidades, os desrespeitos à lei, eram feitos com mais um pouco de decência e de habilidade. Agora, é tudo desempenhado com a maior desfaçatez possível.

Para Riba de Ave, Caniços e Adelaís, localidades onde os têxteis têm estado em greve, exigindo o cumprimento da «república» lei das oito horas, partiu na quarta-feira, como delegado confederal do norte, o nosso camarada Saúl de Sousa. A sua ida áquelas paragens, que parece não estar integrada no património português, mas antes serem pertença de um bando conquistador aparte, foi publicamente anunciada na imprensa desta cidade. Não era, por conseguinte, segredo nenhum; não se tratava de qualquer atentado occultamente manobrado.

O delegado do governo, porém, é que assim não pensou: fez logo do caso um mistério terrível. Por sua vez, o tenente e o sargento da guarda que está aboletada magnificamente a generosas expensas dos industriais de Adelaís, Riba de Ave e Caniços, aliam-se a tenebrosa massa do delegado dos industriais, perdoando o governo. E por indicação dos patrões, dos riquíssimos proprietários das galés fabris, foram dadas ordens terminantes para se pôr em «caca»: Cautela, soldado! Cautela, espíes! Não de chegar aqui, vindos do Porto, os delegados operários... É preciso evitar que eles falem com os escravos destas regiões perdidas.

E todos os mercenários dos ricos donos das fábricas têxteis se puzeram... em fúria... Saúl de Sousa partiu numa pública missão: tratar do conflito têxtil. Chegou a Santo Tirso e dirigiu-se, por Caniços, a Riba de Ave e Adelaís. Na sua viagem pela estrada, reparou que um «chic» automóvel passava em sentido contrário, levando, dentro, gente fardada. Passados momentos, viu que o mesmo automóvel voltava aceleradamente.

«Mãos ao ar! Não se mexa! Saúl de Sousa estava descoberto e na frente das espingardas aperradas... Julgou que se tivesse enganado na geografia e na topografia do terreno e fosse, integralmente, parar ao interior da Calábria. Porque o nosso camarada foi vítima de um assalto... à mão armada... sendo profundamente revistado... não fosse às vezes levar no bolso uma espécie de revolução à 19 de Julho...

O tenente e o sargento da guarda republicana estavam radiantes. «Ecco homo! Até que a Casa dos Gráficos não possa existir sem aquele ser um facto.

São estes e outros assuntos que as classes gráficas têm que vir discutir aos seus sindicatos, com ponderação e critério, em sucessivas assembleias.

Continuarem no mesmo alheamento equivale a pretender o esfacelamento das organizações, contribuindo assim para que o patronato desencadeie contra os gráficos uma ofensiva funesta.

Existem determinadas anomalias que têm de ser discutidas nos sindicatos para que elas desapareçam.

Se queiréis que essas anomalias desapareçam frequentai os sindicatos e lembrai-vos que só neles se pode conseguir aquilo que nunca esforços isolados conseguirão alcançar.

Basta de indiferentismo, pois.

Virgílio Moura SANTOS

(Compositor tipográfico)

Aos canteiros e cabouqueiros do concelho de Cascais

A Associação da Construção Civil de Tires e arredores, como legítima representante do operariado da indústria, organizada, nesta região, chama a atenção do mesmo para o integral cumprimento da tabela de manufatura de cantaria em vigor desde 1.º de Outubro de 1923, pois consta neste sindicato haver quem transija com os preços estipulados.

E lamentavel que assim procedam porque não deve no momento permitir-se qualquer baixa de salários, mas sim exigir um novo aumento atendendo a que a tabela está baixa em relação ao custo da vida.

As localidades onde mais se despresta a tabela em vigor são: Abóbada, Trajousse e Talade.

Este sindicato vem por este meio chamar os operários dessas vilas ao cumprimento do seu dever, porque além de serem prejudicados, prejudicam os seus camaradas. As outras localidades, que o cumprem, pois que devido ao seu procedimento já os industriais têm, por mais uma vez, tentado pagar preços inferiores aos da tabela, e se o não têm conseguido, é devido aos esforços deste sindicato e dos operários que trabalham nas pedreiras de Tires, que têm demonstrado não estarem dispostos a consentir que se reduza a tabela.

E bom que aqueles operários se considerem para não termos que assistir a factos lamentáveis de que só eles serão responsáveis.—A Comissão Administrativa.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5000.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2500.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5000.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6000.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. (Desconto aos revendedores).

que enfim, que surgiu o terrível. Ah! escusava de os enganar! E preparavam-se para, no meio da estrada e entre as téntricas escopetas, interrogarem, em nome do delegado dos industriais, que não do governo, o delegado confederal — ao que ele terminantemente se recusou. Em face desta atitude, encaufaram-no no luxuoso automóvel, pôsto pela Empresa Fabril ao serviço exclusivo da guarda, e foram a caminho do pósto...

Uma vez ali, houve os interrogatórios da praxe, uma conversa sobre as oito horas, de cuja palestra foi tirada esta conclusão: a guarda republicana, representada ali pelo tal tenente, não cumpre a lei das oito horas, porque nada a tal respeito foi lido na ordem regimental. O Diário do Governo não presta. E como, na ordem administrativa do delegado do governo, o ministro do Trabalho nada lê também — as autoridades, pelo menos moralmente, estão vendidas aos poderosos industriais de Santo Tirso, Adelaís, Caniços, Riba de Ave, etc., etc.

O interessante interrogatório foi interrompido por um certo tempo: pessoas gradadas da terra, sorridentes pela presa, vieram convidar, para o almoço, o tenente e o sargento.

Foi durante este interregno, que se soube, por uma lista, que a comezaina e demais despesas com o mala bicho e um lápis por dia — o sargento escreve muito — são pagas pelo industrial das galés terras conquistadas...

Depois pretenderam que o nosso camarada Saúl de Sousa fosse para Farnalhão a pé e entre praças de cavalaria. Assim uma coisa parecia com 18 quilómetros... Mas como se recusasse, embora tivesse de ficar preso, então o tenente sempre se morigorei, sempre se encadernou nos preceitos de mais um pouco de educação e humanidade, coisa que não teve no momento em que queria que Saúl de Sousa dissesse, por força, que tinha vindo outro delegado com ele. Meteu-o no comboio entre praças da guarda, visto que tem direito a guarda de honra com o presidente da República, e lá veio até Farnalhão, de onde regressou para esta cidade, já sem acompanhamento algum... Quer dizer: foi posto na «frenteira» da «monarquia» de Santo Tirso, Caniços, Adelaís e Riba de Ave, com a certeza — o tenente afirmou — de que o segundo delegado que lá fosse seria preso e não teria a mesma sorte de Saúl: ficaria lá indefinidamente...

Ora aí temos, pois, a forma como os delegados do governo, como as autoridades «repúblicas» cumprem as leis desta «matrona» — a república: comendo e bebendo com os industriais...

Há um outro delegado nas mesmas condições: o Barroso de Vila Nova de Gaia. Mas este fica para amanhã... Não perde pela demora...

C. V. S.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na Academia Filarmonica Verdi

Promovida pela comissão Escolar da Academia Filarmonica Verdi iniciam-se hoje, pelas 21 horas, as grandiosas festas em favor da Escola que aquela Academia mantém. O programa é o seguinte:

Hoje, às 21 horas, deslumbrante récita, na qual tomará parte o aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária com o drama em um acto, «A Ceia dos Pobres»; o drama em um acto, «Furtar», e a desopilante comédia «Noivo de Alcanhões».

Amanhã, às 17 horas, grandiosa «matinée» desportiva, no Parque Verdi, tomando nela parte elementos de subido valor, com o seguinte espectáculo: 1.ª parte. Demonstração de força dental pelo ex.º sr. Guilherme Alberto. Trabalhos de equilíbrio pelo distinto acrobata sr. Joaquim Borges. 2.ª parte. Canção nacional por distintos cultivadores, acompanhados por exímios guitarristas e violas, que por especial deferência tomam parte nesta festa. 3.ª parte, «Les Cristalis» forças combinadas. Luta Greco-Romana pelos distintos lutadores J. da Silva e C. Beltran. «Los Francisc» intermédio cómico por estes «clowns» que tão apreciados têm sido ultimamente.

A's 21 horas, baile extraordinário. Segunda feira, deslumbrante baile dedicado aos sócios desta Academia, sendo extraordinário para os não sócios.

Abrihanta estas festas um aplaudido Grupo Musical desta Academia sob a regência do consócio Vitor dos Santos, membro desta comissão.

O conflito mineiro inglês

LONDRES, 31.—Pode considerar-se virtualmente terminado o conflito entre os patrões e os operários das minas.

Os segundos resolveram suspender por 15 dias o novo regulamento a fim de os delegados do governo, dos patrões e dos mineiros deem por terminado o estudo dum acordo.

O governo resolveu também auxiliar financeiramente por 6 meses a indústria mineira.

Despedimento injusto

Os hagueiteiros da casa Castelo vão reunir para o apreciar

Reuniu a comissão de melhoramentos do S. U. Mobiliário juntamente com o pessoal da casa Castelo para apreciar o despedimento de um dos seus componentes em virtude de não acatar uma ordem do respectivo gerente que consistia em fazer trabalho de moço.

Verificou-se também a falta de persistência do delegado da referida fábrica e assentou-se reunir na próxima segunda-feira, pelas 17,30 horas, para apreciar a conduta do dito delegado e o caminho a seguir quanto à reintegração do referi do camarada.

AS GREVES

A dos mobiliários de Guimarães

Um novo apelo da Federação Mobiliária

Da Federação Mobiliária recebemos o seguinte apelo:

«Apelou na pretérita semana esta Federação para a solidariedade do operariado no sentido de auxiliar monetariamente os mobiliários de Guimarães, que há mais de 2 meses vêm lutando pela conquista do horário de 8 horas de trabalho.

Não foi escutado como seria para desajar esse apelo, e por esse facto o repetimos, na esperança de que todos os trabalhadores, tendo em atenção o esforço sobrehumano daqueles camaradas, retirem da sua parca fêria algumas migalhas que possam ir alentar aqueles denodados lutadores.

Auxiliad pois os grevistas da indústria do mobiliário de Guimarães, pois que a sua causa é a de toda a organização.—A comissão administrativa.

Corticeiros de Belém

Declarou-se em greve contra a baixa de salários o pessoal da casa João Vargas & Alvaraz

Reuniu a comissão administrativa da secção sindical dos corticeiros de Belém, tomando conhecimento da greve declarada na fábrica de João Vargas & Alvaraz.

O industrial Alvaraz pretende baixar 20% nos salários, fazendo constar para isso que a fabricação não dava lucros, mas, todavia, a desmentido está o facto de há pouco tempo ele ter ido passar para Espanha, enquanto os seus operários não ganham nem para comer.

Os operários não quiseram sugar-se aos caprichos desses industriais e abandonaram o trabalho declarando-se em greve e estão dispostos a lutar contra a baixa de salário.

Por isso a comissão administrativa dá conhecimento a todos os corticeiros desta greve e que não devem ir trabalhar para essa oficina sem ela estar resolvida.

Também resolveu abrir hoje, quetes em todas as fábricas em auxílio dos grevistas, assim como para os operários sem trabalho.

Pró Federação dos Operários da Indústria Têxtil

Aos Sindicatos e associações existentes da indústria têxtil

Da comissão de propaganda do Sindicato Único da Classe Têxtil do Porto recebemos a seguinte nota oficiosa:

Presados Camaradas: Como já deve ser do vosso conhecimento, a assembleia geral deste sindicato realizada, no passado dia 19 do corrente mês, apreciando uma moção apresentada por um dos seus componentes, inseria lá em A Batalha, e uma circular dimanada da Secção de Federações da C. G. T., respeitante às possibilidades da organização da nossa Federação de indústria, nomeou uma comissão no sentido de organizar o operariado da indústria têxtil do Norte, a qual se encontra na disposição de trabalhar por organização dum confederação nacional, ou congresso, dos organismos congêneres, onde se assente em definitivo a sua constituição.

Dizer-vos das vantagens que advirão da fundação desse organismo nacional, do qual façam parte os sindicatos e associações do nosso ramo de indústria espalhados pelo país, e dos que possivelmente se possam organizar, cremos que é desnecessário, porque todos vós as conheceis.

Sintetizando: estando reconhecido que a Federação da nossa indústria se torna indispensável, e que só da sua constituição depende a situação económica em que se encontram os trabalhadores da indústria, necessário se torna que todos os organismos têxteis existentes, tomem sobre si o compromisso formal de trabalharem, tanto quanto as suas forças lhes permitam, para que da conferência ou congresso a realizar saia a nossa Federação de indústria.

A comissão deste sindicato está possuída da maior boa vontade para que tal seja um facto, dentro do mais curto espaço de tempo. Pena é que não possuía os meios suficientes para irradiar a sua propaganda por todas as terras onde a indústria predomina. Mas, no entanto, apesar de lutar com a falta de recursos monetários, está animada da melhor boa vontade para conseguir organizar o operariado do Norte, defendendo o início dessa propaganda do auxílio da secção de Federações da C. G. T.

No sentido de que os nossos trabalhadores sejam o máximo profícuos, vem esta comissão, por este intermédio apelar para todos os militantes têxteis, sindicatos e associações existentes em todo o país, para que no mais curto espaço de tempo, se pronunciem sobre uma circular dimanada da Secção de Federações da C. G. T., sobre o mesmo assunto; se sim ou não estão de acordo com a fundação da nossa Federação de indústria; se sim ou não se deve realizar um congresso, na data em que se realize o congresso confederal, e na mesma localidade, em virtude da situação financeira em que vários organismos têxteis se encontram.

Na certeza de que nos tomareis na devida consideração, e de que estareis connosco para trabalhar pela nossa Federação, somos a desejar-vos... Saudações sindicalistas.

Porto e Secretaria do Sindicato Único da Classe Têxtil, 23 de Julho de 1925.—A Comissão, (aa) Santos Junior (relator), Miguel Moreira, Ernesto Juvenal, António de Aranjó, Leolino L. Ferreira, António Alves de Sá.

SOLIDARIEDADE

Pró-Alberto Carneiro

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

A festa de solidariedade a favor de Alberto Carneiro, anunciada para amanhã, por motivo de falecimento dum membro de família dum componente do Grupo de Solidariedade Operária da Construção Civil, fica adiada para o dia 23 do próximo mês.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Trabalhadores agrícolas portugueses em França

Em consequência das providências tomadas pelo ministério da agricultura francês, os agricultores daquele país que desejem obter trabalhadores portugueses devem dirigir-se ao serviço de colocação do referido ministério, devendo os pedidos ser acompanhados dos contratos de ajuste.

A taxa dos salários propostos deve ser igual aos salários normais abonados aos operários franceses, empregados na mesma exploração ou região. Os gastos de transporte dos imigrantes até ao local do trabalho em França é a cargo destes. Os patrões estão avisados que a demora a prevenir entre a entrega do pedido e a chegada dos operários portugueses é de um mês, o mínimo.

Segundo o Avenir agricole, os trabalhadores portugueses, assim como as suas mulheres, são geralmente muito aptos para os principais trabalhos agrícolas, mormente nos relativos à viticultura e à criação de animais.

Apesar da interferência do ministério da agricultura francês, nas disposições acerca dos nossos trabalhadores, não tem responsabilidade nos contratos. Este aviso vem publicado nas Informations Sociales, de julho.

Imigrantes estrangeiros

Existem actualmente em França dois serviços distintos encarregados de inspecção a produção e colocação da mão de obra estrangeira: o primeiro, a cargo do ministério do trabalho estuda o que se refere a todas as profissões tanto agrícola como industrial; e o segundo a cargo do ministério da agricultura ocupa-se da entrada e colocação dos operários agrícolas.

Estes serviços publicam as suas estatísticas. Assim se pode saber, pelo ministério da Agricultura que o número de imigrantes em França durante o ano de 1924, foi de 256.281, mais 19.198 mulheres e 9.024 crianças. Houve 47.752 saídas de operários estrangeiros. Segundo a do ministério do Trabalho em 1924 entraram em França 175.100 operários industriais das seguintes nacionalidades:

Italianos, 83.881; Belgas, 23.779; Polacos, 23.265; Portugueses, 6.715; Espanhóis, 6.695; Tchecoslovacos, 4.401; Russos, 3.592; Vários, 22.842.

Enquanto aos trabalhadores agrícolas imigrados, eram:

Polacos, 14.783; Italianos, 13.696; Belgas, 10.935; Espanhóis, 8.287; Portugueses, 7.491; Tchecoslovacos, 5.689; Russos, 547; Vários, 2.767.

Há um detalhe curioso na estatística do ministério da Agricultura: de 32.265 espanhóis e portugueses eram 22.480 homens, 7.341 mulheres, e o restante crianças.

Segundo o interessante artigo das Informations Sociales, donde respigamos estas notas, durante o ano de 1924 saíram de França 23.920 italianos, 13.805 espanhóis, 7093 portugueses, 2.740 belgas, etc.

R. I. T.

A QUESTÃO MINEIRA

A crise inglesa perante a concorrência alemã

Os capitalistas ingleses e principalmente os proprietários das minas atribuem as causas da crise a uma questão de concorrência.

Recentemente, na Câmara dos Comuns, Sir Robert Horne, ex-chanceler de Echi-quer e considerado como uma autoridade capitalista, declarou: «Estamos em face dum concorrência da Alemanha no mercado mundial de carvão, uma concorrência que nunca tivemos ocasião de conhecer nos tempos passados.»

Do exame da situação e das estatísticas, esta afirmação é manifestamente falsa: A Inglaterra manteve e aumentou mesmo, a parte que lhe cabe no comércio de carvão. Na própria Alemanha, todos se queixam de que o carvão alemão foi afastado do mercado pelo carvão inglês. A situação é tão séria para a Alemanha, que este país reduziu as despesas do transporte de carvão de 30%, para permitir que o carvão alemão fizesse face à concorrência inglesa, não só nos países estrangeiros mas também em Hamburgo.

Os jornais ingleses da especialidade, são os próprios a notar que na parte que toca à Alemanha nas importações de carvão da Suécia, estas não rivalizam com as da Inglaterra que atingem 95% do total dessas importações.

A concorrência do carvão inglês — é ainda a imprensa inglesa que fala — não só se fez sentir no Baixo-Reno e na costa do mar do Norte, mas até no Alto Reno.

A situação da indústria carbonífera alemã está mesmo em piores condições que a inglesa. Da declaração do secretário comercial da legação inglesa em Berlim, há nos depósitos do Sindicato de Carvão alemão mais de 8 milhões de toneladas em stock.

Nestas condições, não será grotesco falar de reduções de preço como remédio à baixa de consumo de que sofre toda a indústria carbonífera mundial?

Agora, a obrigação em que se encontra a Alemanha de reduzir as suas tarifas de transporte de 30% faz com que o carvão baixe de preço nos mercados franceses belgas e italianos.

Este caso particular demonstra que a crise carbonífera é de origem política, que o plano Dawes — tão elogiado pelos socialistas — é prejudicial à indústria carbonífera inglesa.

O espantallo da concorrência alemã continua pois a ser explorado para reduzir o salário e as condições de trabalho dos mineiros ingleses. Os capitalistas ingleses chegam mesmo a afirmar que esta concorrência é tanto mais verdadeira quanto os salários dos mineiros alemães são consideravelmente menores, proporcionalmente ao que eram antes da guerra comparativamente aos salários ingleses.

Esta afirmação é tão falsa como pretender que a produção por operário é menor na Inglaterra que na Alemanha.

A única vantagem de que na verdade goza a indústria alemã é que esta está mais modernizada.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Litógrafos e anexos.—Reuniram os delegados de oficinas, que vão dentro delas desenvolver uma activa propaganda tendente à sindicalização de toda a classe.

Constatou-se a admissão de grande número de aprendizes nas oficinas, o que até certo ponto prejudica a classe e contribui um tanto para a crise de trabalho.

Resolveu-se fazer um estudo das condições morais e materiais das mulheres nas oficinas e obstar, na medida do possível, a que certa desmoralização se constate, e facilitar as necessárias informações aos delegados ao congresso para que possam apresentar trabalhos sobre as mulheres e menores e condições higiénicas nos lugares de trabalho.

Os indivíduos a quem foram enviadas circulares devem responder-lhes no mais curto prazo.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE: Enfermeiros.—(Reg